



A POESIA DE RESISTÊNCIA DE VERA DUARTE

VERA DUARTE'S POETRY OF RESISTANCE

LA POESÍA DE RESISTENCIA DE VERA DUARTE

Paulo Sergio Gonçalves

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

profpaulosg@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-5949-5170>

DOI

10.35520.mulemba.2025.v17n32e66163

Recebido: 13 nov. 2024

Aprovado: 2 fev. 2025



A Mulemba adota a licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar o sujeito poético e a configuração e a importância da poesia de resistência em que se inscreve a poeta caboverdiana Vera Duarte. Ela assume de forma contundente e firme, o papel de porta-voz no cenário contemporâneo da literatura em seu país e em toda África de língua portuguesa. Com um sujeito poético forte e decidido, Vera Duarte marca a poesia feminina em África, abrindo as portas para a demonstração de força da mulher africana que, por meio de seu corpo e de sua sensibilidade, canta as memórias que formam a sua gente. Em sua poesia, a preocupação não está no texto de consumo, mas sim no compromisso de representatividade e de resistência por meio da percepção aguçada e atenta da mulher africana.

PALAVRAS-CHAVE: resistência, poesia, feminina, representatividade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the poetic subject and the configuration and importance of resistance poetry in which the Cape Verdean poet Vera Duarte is included. She firmly and firmly assumes the role of spokesperson in the contemporary literature scene in her country and throughout Portuguese-speaking Africa. With a strong and determined poetic subject, Vera Duarte marks female poetry in Africa, opening the doors to the demonstration of strength of the African woman who, through her body and her sensitivity, sings the memories that form her people. In her poetry, the concern is not with the consumer text, but with the commitment to representation and resistance through the keen and attentive perception of African women.

KEYWORDS: resistance, poetry, feminine, representation.

RESUMÉN

Este artículo tiene como objetivo analizar el sujeto poético y la configuración e importancia de la poesía de resistencia en la que se incluye la poeta caboverdiana Vera Duarte. Asume con firmeza y firmeza el papel de portavoz del panorama literario contemporáneo en su país y en toda África lusófona. Con un tema poético fuerte y decidido, Vera Duarte marca la poesía femenina en África, abriendo las puertas a la demostración de fuerza de la mujer africana que, a través de su cuerpo y su sensibilidad, canta las memorias que forman su pueblo. En su poesía, la preocupación no es el texto consumista, sino el compromiso con la representación y la resistencia a través de la percepción aguda y atenta de las mujeres africanas.

PALABRAS CLAVE: resistencia, poesía, femenino, representación.



Nem um pouco interessada aos caminhos que levam ao sucesso por meio do consumo, a poesia de Vera Duarte apresenta-se de forma contundente ao assumir o compromisso intenso de rememorar os acontecimentos responsáveis pela formação de seu povo. Sendo assim, a poeta de Cabo Verde mostra o legado de suas companheiras poetas de outrora, quando toma a frente o compromisso, na contemporaneidade, de não deixar apagar-se as lembranças do tempo colonial e das consequências de tudo que ocorreu.

Além de poeta, Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina é juíza e desembargadora da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania de seu país. Seus trabalhos e seus feitos frente à defesa dos Direitos Humanos já foram reconhecidos quando, em 1995, ganhou o Prémio Norte-Sul de Direitos Humanos de Lisboa, prêmio este, oferecido por uma repartição do Conselho Europeu dos Direitos Humanos, que por sua vez trata-se de uma subdivisão regional do Conselho dos Direitos Humanos da ONU.

Na área da literatura, Duarte ganhou, em 2001, pelo conjunto de sua obra poética, o prêmio Tchicaya U Tam'si¹ de poesia africana, e por meio de seu romance de nome *A candidata*, foi ganhadora do prêmio Sonangol² de 2003.

Nascida na cidade de Mindelo, na Ilha de São Vicente em 02 de outubro de 1952, Vera Duarte cursou Direito na Universidade Clássica de Lisboa, onde desejou seguir a carreira na magistratura. Em toda a história de Cabo Verde, foi a primeira mulher a encerrar um cargo de magistratura em seu país, tendo em vista que antes da independência de 1975, esta função era proibida para as mulheres.

Mulher do Direito, das leis, e muito preocupada com as questões sociais de seu país e de todo continente africano, Vera Duarte assume, por meio de seu sujeito poético, o compromisso de permitir que a mulher de Cabo Verde mergulhe em seu interior feminino, para assim, libertar-se e viver paixões reprimidas por tanto tempo.

Originária de uma época em que se vivia em Cabo Verde um grande desencanto causado pelas promessas quebradas, promessas de justiça social, a poesia de Vera Duarte também demonstra este fator de desânimo e de confissão, assim como apresenta-se como uma poesia autobiográfica, conforme afirma Secco (2004, p. 216). Ainda se vê, na afirmação de Sepúlveda (2000, p. 330) que Duarte assume, de certa forma, bem como as poetas da Casa dos Estudantes do Império, um posicionamento de porta-voz, de representante, como intérprete de sentimentos:

1 Tchicaya U Tam'si foi um poeta e romancista congolês nascido no ano de 1931 e falecido no ano de 1988.

2 Sonangol: Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola, E.P. — é a empresa estatal angolana do ramo petrolífero vocacionada para a exploração de hidrocarbonetos líquidos e gasosos no subsolo e na plataforma continental de Angola e responsável pela exploração, produção, fabricação, transporte e comercialização de hidrocarbonetos em Angola.

[...] Vera se coloca como poeta que interpreta os sentimentos e desejos de seu tempo e de seu espaço, sua obra é o extravasamento em forma de poesia do “sentir” que capta nas pessoas que a rodeiam. Assim, sua voz expressa o desejo de falar não só de suas companheiras, mas de seu povo, pois, com sua escrita, ela ultrapassa o mundo feminino e alcança o universo humano em sua essência ilimitada [...]

Em sua primeira obra, intitulada *Amanhã amadrugada*, pode ser observada a ligação do sujeito poético de Vera Duarte com o mar e com a chuva. Chuva que fertiliza a terra, chuva que traz esperança e também chuva que traz, por meio de sua característica “lavadora” o recomeço e a remissão. Com isso, o sujeito poético, num aspecto intimista, canta seus ódios e revoltas e dores causadas pelas injustiças sociais em Cabo Verde. Vejamos o poema “Setembro” (Duarte, 1993, p. 87):

Carregámos às nossas costas
o saco pesado da revolta
cheio de mil *sampés*³, punhais afiados e ódios acumulados.

Perenigrámos terralonginquamente
com os pés comidos e sangrantes
e a cabeça gritando maldições
de tanto sofrimento humano

Mil revoltas explodiram em nós
calados ao som de tiros e sangue
... E as grilhetas nos estrangularam

Mas um dia a dor acabou-se.

Num Setembro de chuvas abundantes
a água varreu o lamaçal
limpou os corpos caídos
levou dejectos e tudo
e apenas deixou
- redimidos –
os homens, a terra
e o futuro

3 Centopeia.

O compromisso de manter viva na memória de seu povo tudo aquilo que o fez mal, com a intenção de conscientização, é mais uma característica no eu lírico de Vera Duarte que lembra as poetas da Casa dos Estudantes do Império, principalmente no caso da poesia de Alda Espírito Santo.

No final do poema observa-se os cortes abruptos depois do verso que, isolado como fosse uma só estrofe, anuncia o fim do sofrimento, o fim da dor. Em seguida, como um alívio, o sujeito poético canta o resultado da chuva de setembro, mês que, por coincidência (ou não), dataram acontecimentos sociais e políticos importantes para Cabo Verde e seu povo depois da independência:

- 05 de Setembro de 1980 - Aprovação da primeira Constituição da República da República de Cabo Verde.
- 28 de Setembro de 1990 - Revisão da Constituição e consagração da transição constitucional ao determinar o fim do regime de partido único com a queda do artigo 4º, nº1, ao instituir o princípio de separação e interdependência dos poderes.
- 4 de Setembro de 1992 - Foi promulgada a nova Constituição da República.
- 25 de Setembro de 1992 - A nova Constituição da República entrou em vigor. (Cabo Verde, 2014)

É muito nítido em Vera Duarte e em toda a sua *poiesis* que, por ser ela uma mulher atuante na questão dos Direitos Humanos e na magistratura, seu espaço simbólico e a ficção de sua escrita está alicerçada a partir de conquistas palpáveis em seu espaço pessoal e físico. Desta forma, ainda como responsável pela poesia de mulher onde se inscreve, Vera Duarte traz um sujeito poético forte, destemido, corajoso. É assim que sua poesia trata de assuntos nevrálgicos de Cabo Verde e de África. Sendo assim, a poeta não só traz reflexões do discurso feminino africano de língua portuguesa (cabo-verdiano, mais precisamente), mas sim, uma linguagem que reverbera uma poética contemporânea universal.

Com a coragem mencionada acima, Duarte convoca, assim como suas antecessoras fizeram, todos à conscientização de que a libertação é um ato necessário todos os dias e que a importância das lutas pela libertação não deve ser esquecida. No poema “Morreu uma combatente” (Duarte, 1993, p. 92) é nítida a intenção de fazer de sua poesia, uma arma social:

Sol poente de domingo
o dia a cambar
e a peste subir nos ares
a encher
a sufocar



Na cidade ouve-se um grito
— MORREU UMA COMBATENTE
Morta jaz aos meus pés a mulher indócil
o corpo em espuma que me inebriou
já não é!
a luz fosforescente
foi apagada por mãos cruéis
Ah, tivera eu exércitos
armados até os dentes
e lançar-me-ia
touro furibundo
sobre os seus algozes
— desditosa sina de amar a luta
Teus cabelos se espalham
ensanguentados
sobre teu fato de guerrilheira
e jazes inerte
Mas em ti a vida se futurou
e em mil manhãs de luz
ela se multiplicará

Arma social baseada e alicerçada na coragem e na decisão e na presença do corpo feminino em combate. Os últimos versos trazem ao inconsciente e ao imaginário a certeza da fertilidade do sujeito feminino quando mostra a proliferação da vida por meio da morte em combate, por meio do corpo feminino que, mesmo inerte, produz vida.

Vera Duarte, em sua poesia, também se junta ao povo em seu poema de nome “Não mais” (Duarte, 1993, p. 114), para cantar o possível fim do sofrimento causado pelos efeitos do colonialismo. Fazendo um retorno às lembranças das dores sentidas, o eu lírico faz um exercício de rememoração. Como afirma Secco (2004, p. 339), Duarte demonstra em seus poemas sua “face guerrilheira”, que se traduz numa eficaz lucidez face aos problemas sociais do cidadão cabo-verdiano. Por isso sua escritura se mostra de cunho social e reivindicatório e, ainda mais, de conscientização, com intuito de manter viva a lembrança dos dias maus, para que eles não voltem e para que os cabo-verdianos de hoje não esqueçam de onde e como vieram desde o período colonial até o pós-independência.

Secco (2004, p. 339) completa dizendo que “tomando partido dos desprivilegiados, ela se expressa com eloquência, tentando reverter situações injustas”. Veja-se o poema, então:

Não mais estradas percorridas
Em longos caminhos sofridos



De olhos vendados indo
Pela mão de cegos guiados

Não mais vozes gritantes
Em lentas torturas caladas
No silêncio infernal das celas
Porque os olhos se quiseram abrir

Não mais mortes violentas
Irmãos nossos nós próprios
Nos tarrafais de todas as terras
Por termos ousado saber

As nossas revoltas cresceram
avolumaram-se
formaram uma só

Hoje nossas mãos ternas
e nossos braços calejados
vão libertar-nos das correntes
que não nos deixavam viver
que não nos deixavam amar

Outra obra de Vera Duarte, do no ano de 2005, o livro de poesias *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*, traz um sujeito poético que faz uso das lembranças e da homenagem à ancestralidade de seu povo. A capa da edição publicada pela Editora do Instituto Piaget, da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, traz a imagem do monumento em homenagem aos escravos de nome Monumento Casa dos Escravos, na Ilha de Goreé, na costa do Senegal.

A própria autora, no início de seu livro, declara que nesta obra seus poemas são “molhados por lágrimas de desespero e de tristeza infinita”, ela conta, ainda, que por duas ocasiões tentou visitar a Casa dos Escravos, mas foi impedida por um forte choro “convulsivo” que tomou conta de suas emoções (Duarte, 2005, p. 7). Diante disso, é possível observar que a poesia de Vera Duarte também pode ser vista como um canto de amor à África, principalmente nesta obra em questão, é o que afirma a pesquisadora Simone Caputo Gomes (2008. p. 260).

Defensora atuante nas questões que envolvem os Direitos Humanos, o compromisso com a ancestralidade se mistura, em seus poemas, com a ânsia de dias melhores. Por isso

vê-se Duarte retornar insistentemente aos acontecimentos de outrora, para que a reverberação instaure em seus leitores (cabo-verdianos ou não), a importância de se conhecer o que foram os tempos de sofrimento físico, moral e social.

De forma intencional, os poemas dispostos em seu livro apresentam-se ao inverso do título, pois a primeira coletânea vem com o título “Primeiro as súplicas...”, demonstrando, assim, a urgência de se enxergar o sofrimento do outro.

No poema “Noite de San Jon” (Duarte, 2005, p. 51), o sujeito poético canta a indignação de estar vivendo em um mundo tão desigual e se coloca em comparação com aqueles que estão em condições precárias. Uma súplica a igualdade que, em certo momento, lembra de sua condição de luxo diante de uma sociedade cabo-verdiana pobre. Por vezes, o sujeito poético se confunde com a própria Vera Duarte, sempre num intenso levante de indignação, de inquietação social:

A minha mão sobre a tábua da mesa
Meus dedos que se espreguiçam nos calos ausentes
E se soerguem cansadamente
Presos por um frenesim de vida

Meus braços esgotados pendentes de ombros pendentes
Minha cabeça
(pobre cabeça)
curvada abatida em abatimento tamanho...

Mas o vento redemoinhou por sobre a secretária
Fez um passo de mágica
Rufaram os tambores
E o São João soou vibrante na noite longínqua
Da minha terra natal

Homens mulheres crianças!
Por que me mato?
Porque quero viver

(já me desesperei de ver os homens livres na sociedade
[igual])

queria vestir a mesma roupa comer a mesma comida
dormir na mesma cama que os milhares de homens na terra

Mas o tempo passa e continuo sentada à minha secretária



Tenho casa água e luxo
Como boa comida em boa mesa
 há homens que não têm água
 há homens que não têm luz
 há homens que não têm casa
 há homens que não têm nada

Minhas mãos sobre a tábua preta da mesa
Meus olhos magoados cansados pisados
Da dor mal sofrida
E da impotência tamanha

(já me desesperei dever os homens livres na sociedade
[igual])

porque me mato?
Porque quero viver

O som da minha voz soou longe nas longes clareiras
Dos matos cerrados da minha África mãe
Dos matos cerrados dos homens em armas
Em feitos gloriosos
A procura do sonho

Sonho lindo de verão aberto
Luz em todos os cantos sem meias sombras
Nem pensamentos obscuros

Sonho de homens sem reservas nas mãos dadas apertadas
Sonho de Vietnam e phenon phen⁴
Sonhos da china e do chile

Para quando o sonho acordado?

E longe longe do alcance do sonho
O rufar dos tambores o fragor das ondas
E o cheiro do álcool
Na noite incendiada

4 Capital do Camboja.

De lamparinas e gongons⁵
Bruxas e fogueiras

Só com altos fornos e chaminés fumarentas?
Só com mares poluídos e homens esgotados?
Só com duras batalhas e sangue a escorrer pelas ruas da cidade?
Só assim a sociedade livre de homens iguais?

Vislumbro
— impotente —
A esperança refugiada
Nos olhos vítreos de uma criança que
Desesperadamente
Pede socorro

Ano de 1975

Por várias vezes, neste poema, o sujeito poético deixa claro a sua indignação com o que o homem livre cabo-verdiano se tornou após a independência. Isso fica claro, mais uma vez, na figura da criança que pede socorro no fim do poema.

Como já dito anteriormente, Vera Duarte se inscreve como uma poeta mulher, e perfeitamente colocada de forma simbólica de onde fala (Amaral, 2005), conhecadora das dores e angústias que a feminilidade pode ter, canta como uma mulher africana as mazelas de sua gente, de sua gente feminina. É o papel de porta voz assumido por ela. No poema “Tempos de angústia” (Duarte, 2005, p. 55), o sujeito poético se inscreve exatamente neste local de fala:

Queria ser uma mulher leve e diáfana
De gestos lânguidos
E andar etéreo
Esvoaçante sobre as linhas frágeis
Do meu corpo magro

Queria ser uma mulher esbelta
De sorriso tímido e olhar esquivo
Sob as minhas pálpebras doces
E profundas

5 Ave marítima de Cabo Verde, não se reproduz em nenhum outro lugar no mundo.

Queria ser uma mulher sensual
De formas cheias
E peito redondo
Num riso quente
E tropical

Depois de citar as características femininas que gostaria de ter, versos são interrompidos com a realidade que ela possui. Então, a representatividade e a denúncia tomam conta dos versos na voz do sujeito poético que traz à realidade para o leitor da verdadeira mulher cabo-verdiana, aquela que luta, que sofre as mazelas sociais, a falta de assistência à saúde, que sente fome, que sofre pela falta do leite para o filho, a súplica de uma mulher, de uma mãe:

Queria ser...
...e não sou

Queria mas meu corpo
explode em chagas purulentas
desta terrível sida
que me devasta

Queria, mas meu corpo
se contorce
irremediavelmente definhado
sobre esta maldita fome
que me destrói

O intimismo na poesia de Vera Duarte deixa livre ao leitor, de forma intencional (ou não), a decisão de compreender os lamentos de mulher que luta pelos Direitos Humanos, ou o exercício de porta voz das mulheres do arquipélago e de África. Porém, pode-se também, ouvir os lamentos de Cabo Verde, das ilhas, que agora, independente se tornam tão ou mais dependentes do que antes, mas agora reféns de si mesmas, da fome e da má administração. E o poema segue:

Queria, mas o meu peito
se exaure



na busca desesperada do leite
para a criança
que me morre nos braços

Com a minha voz
eu clamei
Mas a minha dor
Permaneceu intacta

Por que te conservas longe, senhor?
Por que te escondes nos tempos de angústia?

Compromisso pulsante com a conscientização, com a renúncia da imposição de um (neo) “colonialismo” com base no desconhecimento. Este é o compromisso do sujeito poético de Vera Duarte.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. **Revista Contracampo**, [S.L.], n. 12, p. 103-114, 31 jul. 2005. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v0i12.561>

CABO VERDE. Assembleia Nacional. **Etapas e fases da Constituição**. 2014. Disponível em: <https://www.parlamento.cv/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DUARTE, Vera. Noite de San Jon. In: DUARTE, Vera. **Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005. p. 51-53. Colecção Poética e Razão Imaginante.

DUARTE, Vera. Setembro. In: DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993. p. 87.

GOMES, Simone Caputo. **Literatura em chão de cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. Sob a égide de Antígona: a dimensão trágica do lirismo caboverdiano de Vera Duarte. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 215-225, dez. 2004. Semestral.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. Duarte: Vera poesia multifacetada no espelho caboverdiano. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. **África e Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000. p. 329-347.

